

Revista Adventista

COISAS VISTAS ENTRE NÓS

Por G. CUPERTINO

POR pouco que se observe aqui e ali, no decurso das viagens, não é difícil de observar, nos países da nossa Divisão Sul-Europeia, coisas que deixam uma profunda impressão sobre o coração. Por vezes são locais, outrora teatros das cenas mais caras à memória dos cristãos, outras vezes aspectos flagrantes de uma vida espiritual fervorosa e entusiasta, que se manifesta em nossos membros com simplicidade e convicção.

Pensei nisso por altura das nossas assembleias de união na Grécia e em Portugal. Na antiga Hélada, o apóstolo Paulo deixou o rasto profundo da sua acção missionária; o Areópago permanece como a cátedra indestrutível donde foi pronunciado um discurso imortal; e ali, nesses locais evocados pela história ou pela lenda, irmãs e irmãos continuam a dar um testemunho de fidelidade a Deus e à Sua verdade. Um Sábado de manhã, em nossa igreja de Tessalónica, enquanto um hino se elevava grave e solene, parecia-me ouvir Paulo e Silas na prisão de Filipos entoar o cântico que desde há vinte séculos não deixou de ressoar. Na tarde desse mesmo dia estávamos em Bereia. Que fervor, que atenção ávida nos rostos dos nossos membros, também eles continuadores de uma tradição de nobreza e de amor pelas Escrituras! Passam-se os séculos, mas há sempre um Deus que fala e uma Igreja que ouve.

Os Atenienses podem, como outrora, interessar-se vivamente pelas notícias do dia e mostrar-se com frequência indiferentes, mesmo até desdenhosos, para com os enviados de Deus. Mas a mensagem da cruz e do dia do juízo é proclamada na bela capela que honra a obra em atenas.

Em oposição à capital helénica, na extremidade ocidental da nossa Divisão, encontra-se Lisboa. Também ali temos um magnífico templo que oferece mais de 500 lugares, e em que, não se sabe como, mais de 800 pessoas se comprimiam para o culto de Sábado, 13 de Junho. Já na Escola Sabatina, os membros comprimiam-se em volta dos seus monitores, como abelhas num cortiço. Depois dessa hora da igreja ao estudo, o presidente da Divisão, Ir. W. R. Beach, soube, pela graça de Deus, dirigir os corações para a cruz de Jesus, único remédio para o pecado. Uma alegria intensa irradiava nesse dia — e aliás durante toda a assembleia — de centenas de rostos.

Um dia estava sentado ao lado duma idosa irmã vestida de preto, aureolada de cabelos brancos; suas maneiras cândidas forçavam a simpatia. Dizem-me que é adventista há 25 anos, e que, apesar da sua idade, ocupa um dos primeiros lugares na lista da Campanha das Missões. Fiz-lhe discretamente algumas perguntas acerca do seu trabalho. Com um radiante sorriso, e sem dizer palavra, abriu a sua malinha de mão. Ali vi um pedaço de pão, um lenço e... umas vinte revistas da Campanha. Estava ali todo o seu pequeno mundo. Justamente o mínimo para manter a chama da vida física, e uma grande chama de amor por Jesus.

Sim, a Igreja de Deus tem as suas manchas e defeitos. Mas, glória seja dada ao Senhor, há por toda a parte nas nossas congregações belas almas cujo exemplo permanece como um objecto de admiração e confusão para Satanás e uma lição de fidelidade para todos nós.

E o trabalho prossegue em Portugal como por toda a parte. Não faltam dificuldades, mas a obra avança. Por vezes tem de se travar uma luta sobrehumana contra os poderes do mal. Uma pessoa que tinha sido presa do inimigo durante longos anos e que tinha enfim encontrado Jesus e irmãos e irmãs dispostos a lutar com ela pela sua libertação, foi possuída por um espírito impuro até ao momento em que desceu às águas do baptismo. «Ela pertence-me, é minha» — gritava o demónio. Mas a calma, a confiança e a oração prevaleceram, e a nossa irmã mergulhou, libertada, no tûmulo líquido donde saiu com a paz de Deus na alma.

Noutra igreja — não em Portugal — enquanto o pastor pregava a um público atento, um homem avançou até à primeira fila de cadeiras. Depois, voltando-se lentamente e sem dizer palavra, pôs-se a bater brutalmente em sua filha, que arrastou para fora da sala. Correram lágrimas pelos rostos, mas os presentes conservaram-se calmos e oraram. O pregador teve a coragem de visitar depois esse pai e de, apesar de tudo, lhe falar com simpatia. Hoje esse homem é adventista, e a alegria reina na sua família.

Um sábado de manhã, cheguei a uma igreja e disseram-me antes do culto que aquele era um dia de jejum: orava-se por um jovem soldado que estava preso devido à sua fidelidade, e também por jovens que, segundo a lei do país, não se podem casar fora da igreja dominante.

Eis, irmãos e irmãs, coisas vistas entre nós. Certamente há obstáculos ainda no caminho. Mas vemos também a mão do Senhor à obra para fortificar os crentes e conceder-lhes grandes vitórias. Louvemos a Deus pelos nobres exemplos de dedicação à mensagem dados por tantas almas fiéis, e avancemos. O Senhor é connosco.

LIMPEZA E PIEDADE

Pelo Dr. D. H. KRESS

Ouvi falar de um homem que havia sido ameaçado à comunidade em que vivia. Uma noite, numa reunião de reavivamento, o ministro disse qualquer coisa que lhe tocou o coração. Decidiu aceitar a Cristo como seu Salvador pessoal. Naquela noite saiu da igreja com o coração mudado.

Todavia a primeira demonstração que os vizinhos tiveram dessa mudança foi a que ocorreu na manhã seguinte, na sua morada. O quintal da sua casa permanecera sempre em estado deplorável de desordem. Ferros velhos e lixo de toda a espécie andavam espalhados por toda a parte. Naquela manhã a primeira coisa que ele fez foi começar a limpar o seu quintal.

Ao passarem os vizinhos observaram que algo de anormal ocorrera na vida desse homem. Ele não fez isso a fim de tornar-se um filho de Deus, mas a mudança operada em seu terreno foi o resultado de ele ser um filho de Deus.

Uma alma purificada não se pode sentir por muito tempo à vontade e satisfeita num ambiente que não seja limpo.

Estais Convertido?

Certa jovem foi um dia ter com Spurgeon, o grande evangelista, para que ele a recebesse como membro da igreja sob sua direcção. Spurgeon perguntou:

— Está convertida? Experimentou mudança de coração?

— Sim, respondeu ela modestamente.

— Mas, perguntou Spurgeon, como sabe que experimentou mudança de coração?

A jovem respondeu:

— Sei, porque agora, quando varro a casa, varro debaixo dos tapetes e pelos cantos do quarto.

Isto foi para ela indício de que houvera mudança em seu coração, e sem dúvida o foi também para a família para quem ela trabalhava, e para Spurgeon, pois desnecessário se torna dizer que ele a recebeu na igreja.

Dois ministros foram um dia chamados por uma mulher para orarem por sua filha doente. Ao entrarem no quarto, notaram que a cama não tinha sido feita, e que tudo estava espalhado desordenadamente ao redor.

Um dos ministros lhe disse:

— A senhora não está preparada para que se faça a oração pela sua filha enferma, enquanto não limpar o quarto. Eles não ousavam convidar os mensageiros celestes para aquele quarto. Depois de o aposento ter sido limpo e posto na devida ordem entraram, e fizeram a oração.

Uma mulher não deixará mais as coisas sujas e desalinhas em casa depois de se ter tornado uma filha de Deus. O cristianismo limpa o quintal e limpa o interior da casa.

— Onde moras? Perguntaram dois discípulos que seguiram a Jesus. Ele respondeu: — Vinde e vêde.

Eles entraram na Sua singela habitação. Imagino que se bem que a mobília fosse modesta e simples eles terão encontrado ali tudo no lugar e em harmonia com os ensinamentos de Cristo. Diz o relato: «Foram e viram onde morava e ficaram com Ele aquela dia».

Os discípulos ficaram com razão deveras impressionados, pois ao deixarem aquele quarto e encontrarem os companheiros, disseram: «Encontrámos o Messias.»

Seu ambiente estava em harmonia com o que ensinava. Na oração que fez, Jesus declarou: «E por eles Me santifico a Mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade».

Um vaso que transmite a verdade deve ser purificado pela verdade que contém de modo que ela exerça influência santificadora.

Sinal de Verdadeira Religião

Que foi que convenceu a Pedro e João ao entrarem no sepulcro vazio, no qual Jesus jazera, de que o corpo não fora roubado, mas que Ele estava realmente vivo

e ressuscitara dos mortos? É-nos dito que eles viram «no chão os lençóis... E que o lenço que tinha estado sobre a sua cabeça, não estava com os lençóis». Não estava para ali negligentemente, «mas enrolado num lugar à parte». Eles viram e creram. Creram que Cristo ressuscitara e estava vivo, se bem que «ainda não sabiam a Escritura: que era necessário que ressuscitasse dos mortos».

Conheciam-Lhe os hábitos de ordem e, ali diante de si, na bem ordenada disposição das roupas, viram a evidência de que fora Sua própria mão que isto fizera, de que Ele vivia.

Homens há que fazem profissão de cristianismo e que ao tirarem as roupas à noite, deixam-nas descuidadosamente espalhadas — meias aqui, calças ali, sapatos acolá. Difícil é harmonizar isto com o espírito do cristianismo. Lares de professos cristãos há, que são tudo menos convidativos. As camas dão a impressão de que nunca o ar e o sol estiveram em contacto com as roupas e o seu cheiro assim faz pensar. Um lar assim não representa o cristianismo. Não atrai conversos à verdade.

Quando os filhos de Israel, depois de saírem do Egipto, se aproximaram do Monte Sinai, onde o Senhor prometera encontrar-se com eles «disse também a Moisés: Vai ao povo e santifica-os hoje e amanhã, e lavem eles os seus vestidos».

O Senhor exigiu que lavassem os seus vestidos. Ele não é hoje menos exacto do que era então. É ainda um Deus de ordem, e requer de seu povo que seja bem ordenado, e tenha hábitos de limpeza.

A limpeza vai além do quintal, do lar e das roupas. Paulo admoesta: «E tendo um grande Sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo os corações purificados da má consciência e o corpo lavado com água limpa» Heb. 10:21 e 22. O asseio do corpo é uma parte da vida cristã. O cristão não deve tolerar a falta de asseio na sua pessoa.

A limpeza vai ainda mais longe. Antigamente, por meio do Seu profeta, Deus disse: «E purificarei o sangue dos que Eu não tinha purificado: porque o Senhor habitará em Sião». Joel 3:21. Arredores limpos, limpas casas, corpos limpos e sangue limpo estão todos ligados à limpeza do coração. Um sangue limpo só pode ser produzido por alimento e bebida limpos. A comida e a bebida podem ser de natureza a contaminar a corrente sanguínea. Lemos acerca de Daniel: «Assentou no seu coração não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia».

Uma vez que somos constituídos do que comemos e bebemos, a reforma alimentar é naturalmente uma parte do evangelho que há-de preparar um povo para a vinda de Cristo.

A Bíblia e os grandes do Mundo

A Bíblia continua a ser o livro mais lido do Mundo, sendo encorajador verificar que é apreciada não só pelos humildes mas também por alguns dos grandes dirigentes de nossos dias.

Dois chefes foram investidos este ano na suprema magistratura das suas respectivas nações — D. D. Eisenhower, dos Estados Unidos, e a Rainha Isabel II, da Inglaterra — e ambos deram o seu testemunho público de fé nas Sagradas Escrituras.

Eisenhower e a Bíblia

Quando em Janeiro do ano corrente Eisenhower assumiu oficialmente a Pre-

sidência dos Estados Unidos, prestou juramento solene sobre dois exemplares da Bíblia — o histórico exemplar que fora usado por George Washington, e o que ele próprio usara, quando cadete em West Point. Aquele estava aberto no Salmo 127, que começa pelas significativas palavras: «Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela». O seu exemplar pessoal estava aberto em 2 Cron. 7:14, em que se lê: «Se o Meu povo, que se chama pelo Meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a Minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então Eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra».

E foi com sentimentos bíblicos, que nessa altura ele fez, como Presidente, a sua primeira oração em público: «Onnipotente Deus, nesta hora solene que nos reúne aqui, Te rogamos, meus futuros colegas e eu, que nos ajudes a consagrar-nos com inteira dedicação ao serviço dos nossos concidadãos. Concede-nos que possamos sempre distinguir claramente o bem do mal. Faze que todas as nossas acções sejam inspiradas pelo Teu poder e pelas Leis do nosso país. Que o nosso povo, sem distinção de categoria, de raça, de situação ou de cor, seja o objecto da nossa mais absoluta solicitude, ó Senhor!... Que as nossas tendências políticas, conformes à nossa Constituição, possam colaborar para o bem comum, para a nossa querida Pátria e para a Tua glória! Amen!»

A Bíblia na coroação da Rainha Isabel II

Em 2 de Junho do ano corrente, na cerimónia da coroação, foi com a mão sobre a Bíblia que a Rainha Isabel fez juramento de governar os povos da Comunidade segundo as suas respectivas leis e costumes, manter «as leis de Deus e a verdadeira profissão do Evangelho» e de-

fender a «religião reformada protestante», beijando em seguida respeitosamente a página sagrada.

Depois deste juramento, foi-lhe entregue uma Bíblia, propositadamente impressa para esta ocasião pela Universidade de Oxford, com 1.430 páginas em finíssimo papel da Índia e uma primorosa encadernação escarlate em que sobressaíam as armas reais.

Ao ser-lhe apresentada a Bíblia, o Arcebispo anglicano de Cantuária dirigiu-se-lhe nos seguintes termos: «Nossa graciosa Rainha, para que vos lembreis sempre da Lei e do Evangelho de Deus como regra de vida e governo dos príncipes cristãos, oferecemos-vos este Livro, a coisa mais valiosa que o mundo possui».

A estas palavras o Moderador da Escócia acrescentou: «Aqui está sabedoria. Esta é a lei real. Estes são os oráculos vivos de Deus».



Que estes nobres exemplos de acatamento das Sagradas Escrituras possam constituir uma inspiração para todos — condutores de nações ou simples ovelhas da grei.

E. FERREIRA

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

JUNHO DE 1953

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António G. Duarte	116	2.170\$00	2.045\$00	4.215\$00
José dos Santos	117	1.740\$00	260\$00	2.000\$00
Parreira Lopes	58	580\$00	1.095\$00	1.675\$00
Júlia Costa	67		1.640\$00	1.640\$00
Idalina Ferreira			1.415\$00	1.415\$00
Maria L. Saboga	64		1.325\$00	1.325\$00
Alberto Nunes	75	1.010\$00	168\$00	1.178\$00
Ester Dias	42		645\$00	645\$00
João António	117	485\$00		593\$00
João J. Nobre	113	205\$00	300\$00	505\$00
José Sanches	117	485\$00		485\$00
Domingos Pastor	82	250\$00	205\$00	455\$00
Maria da Graça	125		445\$00	445\$00
Amselmo Gorgulho	79	430\$00		430\$00
Laura Fernandes	72		408\$00	408\$00
Amílcar Lopes	85	125\$00	110\$00	235\$00
Luísa Brito	54		340\$00	340\$00
Júlia Sanches	75		280\$00	280\$00
Diversos	87	940\$00	880\$00	1.720\$00
	1.547	8.255\$00	11.834\$00	20.089\$00

O Secretário de Publicações

F. G. Mendes

Resoluções da Convenção da Escola Sabatina

Realizada em Lisboa de 28 a 30 de Agosto de 1953

Como noutra local noticiamos, realizaram-se em Agosto duas Convenções da Escola Sabatina — uma para as Igrejas do Porto, arredores e Coimbra, em 26 e 27 de Agosto; outra para as restantes igrejas do Continente, em Lisboa, de 28 a 30.

Estiveram presentes os Irmãos Pastores W. J. Harris, secretário associado do Departamento da Escola Sabatina da Conferência Geral, e A. Dias Gomes, secretário do mesmo Departamento da Divisão Sul-Europeia.

Arquivamos em seguida as resoluções tomadas na Convenção realizada em Lisboa.

1.ª resolução — Considerando os momentos abençoados que passámos juntos na Convenção da Escola Sabatina do Sul da Conferência Portuguesa, em Lisboa, de 28 a 30 de Agosto de 1953,

Resolvemos:

a) Agradecer a Deus mais esta prova do seu amor para connosco;

b) Agradecer à Direcção da Conferência este esforço financeiro que mais uma vez revela o seu interesse pela Escola do Sábado.

c) Agradecer aos Obreiros e Igreja de Lisboa a sua amável cordialidade e carinho.

2.ª resolução — Considerando que dos estudos feitos na Bíblia, no Espírito de Profecia e na Organização do Departamento da Escola Sabatina, ficamos capacitados da necessidade e importância do cuidado a tomar pelas crianças em contacto com a nossa Igreja;

Considerando a existência de importante material e o que podemos organizar no nosso meio,

Resolvemos:

a) Reforçar em cada Igreja e Grupo da Conferência evangelismo entre as crianças pelos métodos preconizados;

b) Organizar em cada Igreja e Grupo de forma atractiva e decente as salas

destinadas às crianças e dar-lhes monitores idóneos e melhor treinados;

c) Pôr imediatamente em acção escolas anexas e Bíblicas de forma a alistar na E. S. todas as crianças que por qualquer motivo não possam frequentar a Escola Regular no dia de Sábado;

d) Estimular o Rol do berço e Instituir o Dia da Dedicção a Jesus de todas as crianças da nossa Igreja;

e) Tomar um cuidado cada vez mais vigilante para evitar nos anos seguintes as graves perdas denominacionais entre as crianças que Deus confia à sua Igreja.

3.ª Resolução — Considerando que nos damos conta das necessidades mais imperiosas das nossas Escolas Sabatinas,

Resolvemos:

a) Pedir à União Portuguesa que publique trimestralmente na «Revista Adventista» um resumo das actividades da Escola e relatório estatístico que permita o conhecimento da marcha do Departamento;

b) Que na medida do possível a União forneça aos officiantes das Escolas Sabatinas o material moderno publicado na Conferência Geral e no Brasil;

c) Que seja fornecido aos monitores capazes de ler o Francês a revista «Le Moniteur» e que seja fornecido um exemplar do «Auxiliar da Escola Sabática» publicado em espanhol na Argentina, a cada direcção da Escola Sabatina;

d) Que seja publicado ao «estênsil» uma brochura com a letra e música de cânticos para a infância, no caso de não existir já publicado no Brasil;

e) Que seja publicado o Certificado de Dedicção dos recém-nascidos e sejam dadas instruções às Escolas Sabatinas para o seu emprego conveniente.

4.ª Resolução — Considerando que as escolas primárias existentes na União Portuguesa tem a magnífica oportunidade de receber no seu seio uma quantidade

apreciável de crianças não adventistas que precisamos evangelizar,

Resolvemos:

a) Estabelecer em cada escola um quarto de hora diário para o estudo da lição da Escola Sabatina pelos métodos modernos mais adequados;

b) Pedir a valiosa colaboração dos respectivos professores às actividades da Escola Sabatina não só durante esse período mas também na escola regular;

5.ª resolução — Considerando o apreciável resultado obtido desde já no estabelecimento das escolas anexas em diversos fundos das Conferência,

Resolvemos:

a) Pedir aos obreiros e oficiais da E. S. que intensifiquem essa actividade no sentido do constante aumento do número dos seus membros;

b) Solicitar a colaboração dos membros das Escolas regulares e Igrejas na realização deste plano;

c) Publicar as lições adequadas às escolas anexas e bíblicas.

6.ª resolução — Considerando que o livro das lições da Escola Sabatina pode ser melhorado segundo os planos do Departamento da Conferência Geral e que se tomaram deliberações noutros países da nossa Divisão nesse sentido,

Resolvemos:

Pedir à União que introduza esses melhoramentos no dito livro, principalmente a colocação de páginas brancas para apontamentos.

7.ª resolução — Que sejam encorajados os serviços de Colportagem e da Escola Bíblica por Correspondência a uma cada vez maior e melhor colaboração com o Dep. da Escola Sabatina no que respeita ao recrutamento de novos membros.

8.ª resolução — Considerando que dos Seminários saem os Obreiros que dirigirão os serviços missionários na União Portuguesa e Ultramar,

Resolvemos:

Pedir à União que dê um atento cuidado à Escola Sabatina do Seminário Português, que deve ser um modelo em todas as suas actividades.

Que, em cada ano lectivo sejam concedidos alguns dias ao Departamento da Escola Sabatina da União para um curso de

aperfeiçoamento dos alunos no que respeita à organização, métodos e actividades missionárias da Escola Sabatina, de forma a termos a certeza de que todos os alunos saiam do Seminário com uma clara compreensão e uma perfeita visão de todas as suas possibilidades.

9.ª resolução — Considerando que de todos os dons recebidos na Escola do Sábado o Dom Natalício representa algo de especial,

Resolvemos:

a) Que seja recebido com mostras de profunda simpatia qualquer dom natalício;

b) Que seja feita sempre uma breve oração em favor do respectivo doador.

10.ª resolução — Considerando as bênçãos de Deus concedidas ao Departamento da Escola Sabatina na União Portuguesa no quadriénio 1950-1954 em que se verificou um aumento de 55 % no número de membros;

Considerando as possibilidades que nos oferecem as Escolas Anexas e Bíblicas e o evangelismo infantil;

Considerando o movimento progressivo desencadeado noutros campos da nossa Divisão e destinado a duplicar o número de membros existentes no 4.º trimestre de 1949,

Resolvemos:

Desencadear em todas as Escolas Sábatinas da União uma ofensiva missionária com o objectivo de obter durante 1954 o dobro de membros existentes nelas no quarto trimestre de 1949.

11.ª resolução — Considerando que o êxito do ensino na Escola do Sábado depende em grande parte da preparação dos respectivos monitores, e

Considerando que essa preparação desejada pela maioria dos nossos membros lhes deve ser proporcionada pelo Departamento da E. S.,

Resolvemos:

a) Que se estabeleça um curso de monitores em cada Igreja;

b) Que esse curso tenha início em Janeiro de 1954, usando como manual principal o livro acabado de chegar do Brasil, «Educando Professores», e qualquer outro material a sugerir pelo Departamento da E. S. da União.

○ PROFESSOR DISCÍPULO DE CRISTO ○

«... Sejam os métodos de Cristo seguidos no trato para com os que cometem erros»...

Conselhos aos Pais, pág. 240.

A figura do professor tem, desde o princípio do século, progredido para uma atmosfera de maior entendimento da criança. O mestre-escola é, e continua a ser no pensamento de muitas crianças, hoje homens e mulheres, o homem sério, pouco comunicativo, que do alto da sua cátedra — o estrado, impõe uma disciplina pela palmatória. E tanto é verdadeiro o pensamento deste número de pessoas que ameaçam os seus filhos, para lhes meter medo: — Deixa estar, que quando fores para a escola aquela menina dos cinco olhos, te há-de pôr direito.

Nós hoje certamente que não nos lembramos de qual a impressão que nos causou o nosso primeiro dia de escola, e mesmo os dias anteriores a esse. Mas, podemos lembrar pelas crianças de hoje, pelos nossos filhos, qual teria sido o choque, num momento em que a escola era bastante diferente da actual. A ideia da escola, dizíamos quase prisão, que se completava com a primeira visita, aquela sala cheia de carteiras, simetricamente dispostas, as paredes por vezes frias, vazias, e lá em cima, no topo, um estrado, sobre este a mesa, e sobre esta a tal menina dos cinco olhos, fiel companheira de todas as crianças que por ali passavam.

No entanto, os anos passaram, os professores tiveram que acompanhar a transformação que a escola sofreu. Quão diferente é hoje o ambiente escolar, do que era há vinte, mesmo há quinze anos.

A primeira a sofrer transformação foi a escola particular. Foi buscar lá fora, às escolas froebelianas, montessorianas, a sua transformação em escolas vivas, alegres, onde o ambiente educa não pela força, mas pelo amor.

O professor não é mais o impertigado senhor ou senhora de fígados irascivos. Não; isso pertence ao passado. É agora o companheiro alegre da criança, aquele que lhe desperta os interesses, que a guia nas suas actividades, que está presente em todo o lado, embora por vezes se não veja.

Eu recordo uma poesia feita por uma criança francesa e citada num livro de educação. Um aluno encarava a classe como

Uma gaiola cheia de ratos,
É a imagem da nossa classe:
Os mestres são os gatos
Que fazem boa caçada.

Podia-se ver nesta poesia uma falta de cortezia da criança, mas eu desejo antes ver nela a sinceridade, o espírito de observação apurado, que define bem a imagem do professor, do professor vulgar que nós conhecemos.

Froebel foi alcunhado de maluco quando, já velho, se entretinha a brincar com os filhos dos camponeses, ensinando-lhes histórias. Uma mulher do povo o viu, e logo participou o acontecimento à baronesa de Marenholtz, que se certificou do que lhe diziam, indo ao encontro do velho, rodeado de crianças andrajosas, na sua maior parte, mas que riam e gostavam da sua companhia. A baronesa depois de o ver comentou:

«Quem sabe lá se este 'maluco', como lhe chamam, não é um destes homens a quem durante a vida os contemporâneos desprezam, mas a quem a posteridade levanta monumentos?»

Penso nos inúmeros professores, que talvez àquela mesma hora estariam com os seus alunos impondo-lhes uma disciplina pela palmatória, e aquele homem que a queria impor pelo amor, estava desprezado e passava mesmo fome.

Do seu amor pelas crianças surgiram os conhecidos «Kindergarten», isto é, «jardins de infância», que hoje, espalhados por todo o mundo, são verdadeiramente centros de amor pela criança.

Montessori, outra grande pedagoga do princípio deste século, dizia: «No ambiente é especialmente objecto de amor o adulto; a criança recebe dele os objectos e os auxílios materiais e toma dele, com intenso amor, o que necessita para se formar.» (Do livro a «Criança»).

As imperfeições mútuas, que a criança e os professores possuem, só podem ser limadas e levadas à compreensão mútua

(Continua na pág. 10)



Uma secção de acampamento, vendo-se ao centro a caixa do correio

O ACAMP

DOS M. V. E

O semanário *Cidade de Tomar* teve a gentileza de se referir por duas vezes ao nosso acampamento, em palavras de uma amabilidade que nos sensibiliza e agradecemos.

No seu número de 23 de Agosto, publicava a seguinte local:

«Cerca de uma centena de jovens, vindos de vários pontos do País, do Porto a Vila Real de Santo António, encontram-se, desde 17 do corrente, concentrados em plena manifestação campista, nas proximidades do açude da Fábrica.

Apesar da diferença religiosa que os separa da quase totalidade do povo tomarense, o acampamento tem sido bastante visitado e admirado pela boa ordem em tudo verificada.»

Em 30 do mesmo mês, na primeira página, consagrava um extenso artigo, do qual destacamos os seguintes parágrafos:



Visitando o Convento d



Alguns jovens de Tomar

Alguns jovens do Porto



ACAMPAMENTO

A IMPRENSA



Crisio, em Tomar

«Quiseram ainda os mesmos simpáticos jóvens ter a amabilidade de convidar o repórter deste jornal a visitar o seu Acampamento, convite que foi aceite e teve lugar na 4.^a feira, 26 do corrente.

O modesto representante deste jornal, apesar de se considerar católico indefectível, regressou de lá encantado com tudo que lhe foi dado observar naquele recinto de alegria sã e fundamentalmente cristã.

Se o pequeno espaço deste jornal a isso se não opusesse tão rigidamente, teríamos assunto para uma grande e bela reportagem, o que, aliás, não deixaremos de fazer, neste ou noutro local, na primeira oportunidade que se nos ofereça.

Em síntese, queremos, porém, dizer que tudo ali era ordem, asseio impecável, modelar amor cristão. Entre, aproximadamente, uma centena de filiados, notava-se um tão fraternal entendimento que as cen-

«Os três grandes»



tenas de visitantes que assistiam àquele serão, a que poderíamos chamar cultural, por entre cânticos religiosos e recitações de várias «modinhas» regionais, se soube criar um ambiente tão consolador que, durante aqueles inolvidáveis momentos, os

próprios visitantes, esquecendo um pouco esta sua qualidade, se sentiram integrados na respeitável modalidade religiosa ali tão inteligente e dedicadamente representada por um punhado dos seus mais hábeis propagandistas e colaboradores. — A. I.»

O Professor discípulo de Cristo

(Continuação da pág. 7)

através da amizade e duma colaboração estreita. O professor, no passado, metia na cabeça das crianças os ensinamentos que constituíam o programa escolar. Hoje o professor deve fazer surgir dentro da criança o interesse pelos assuntos a estudar, e encaminhar as suas jovens mentes para o alvo, isto é, a sua tríplice formação — espiritual, física e intelectual.

Não digo que tudo, no momento actual, está fazendo este ideal; digo simplesmente que existem hoje muitas escolas e professores que praticam estes princípios, e isso é uma consolação para todos nós.

Podemos ver através do movimento pedagógico do mundo, um interesse extraordinário que fez do século XX o século da criança. As múltiplas actividades escolares e circum-escolares, dão-nos uma ideia, do interesse despertado a favor da criança de hoje.

Foram, no entanto, precisos dezanove séculos, para descobrir aquilo que no século primeiro, o maior pedagogo de todos os tempos nos ensinou através das Suas palavras em S. Mateus 18:6 — «Quem escandalizar um destes pequeninos, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha e se submergisse no mar». Vemos a força que Jesus dava ao tratamento das crianças pelos adultos — o amor de nós por elas. Através da Sua vida, de menino Deus até homem, através da Sua palavra, nós encontramos o amor, a afeição por esses seres por vezes tão desprezados por nós, que nos dizemos Seus seguidores.

Jesus amou as crianças duma maneira que nós não somos nunca capazes de imitar. Os discípulos as queriam afastar d'Ele, para O deixarem sossegado, mas Ele preferiu a sua companhia, para sossegar, para refrescar o Seu espírito, depois de dias e dias de trabalho penoso. Os Seus ensinamentos, seguidos que fossem através de

19 séculos, teriam tornado a escola naquilo que deveria ter sido sempre. Com os olhos postos em Jesus, nós deveríamos modificar muito a nossa maneira de tratar com as crianças, e as nossas escolas teriam de sofrer por vezes grandes modificações.

Eu tenho observado que o professor vulgarmente despreza a criança mais ladina, que tem mais perguntas a fazer, que por vezes é mais insubordinada. Eu quero pensar, qual seria a atitude de Jesus nesse momento. Nós vemos na Sua vida, que todos os actos são de amor e não de desprezo por aqueles que cometem erros. Helena White diz, no seu livro *Conselhos aos Pais*: «Sejam os métodos de Cristo seguidos no trato para com os que cometem erros».

Tenho visto e conhecido muitos jovens, que, se fossem seguidos os métodos do abandono e expulsão das escolas, dos mais insubordinados, sem uma maneira de os cativar, de os levar ao bom caminho, eles estariam hoje, talvez, atrás das grades de uma prisão ou em lugar semelhante. No entanto eles hoje são jovens, ou melhor, homens de bem, que fazem a sua vida, como bons cidadãos e cristãos. Foi necessária uma grande simpatia do professor, um trabalho pessoal com esses alunos, um amor extraordinário por eles, a responsabilidade em qualquer trabalho da escola, a oração para transformar jovens delinquentes em jovens de bem e cristãos sinceros. «A lei do amor pede a consagração do corpo, espírito e alma ao serviço de Deus e de nossos semelhantes. (*Educação*, pág. 16).

Por detrás de muitos criminosos que hoje jazem nas celas das prisões eu creio estarem muitos professores que os não compreenderam, que os mandaram para fora da sala de aula sem os compreender, sem um pouco de simpatia e amor.

Quanta responsabilidade pesa sobre os ombros dos professores! E não é a sabedoria humana o único meio capaz de

obrar prodígios. É, sim, acima de tudo, o amor vindo de Jesus, através do Seu exemplo e dos Seus ensinamentos, o professor cristão doutra maneira, porque muitos que o não são também o não procedem. Helena White diz, no seu livro *Conselhos aos Professores*, pág. 240: «O mestre cristão orará pelo aluno em falta e com ele, mas com ele não se zangará.»

A escola nova, a escola activa ou como lhe queiram chamar, veio despertar cada um, para os direitos da criança. A criança tem o direito de ser amada, e através de todas as actividades que lhe são ensinadas ela deve ver o amor brilhar em cada uma delas como o fulcro de tudo o que ela deve aprender.

Ela olhará para o professor, como o instrumento de castigo, que é a escola; passará por ele com os olhos baixos, com medo. Não, a criança que sente o amor do professor, que sente o ambiente que ela precisa corre para a escola, corre para

a vida confiada nesse amigo que a levará ao bem, ao alvo.

A criança e o professor ao caminharem de mãos dadas, terão atrás de si, como a ampará-los, a encaminhá-los, a figura bondosa de Jesus, pedagogo por excelência, exemplo da bondade para cada um de nós.

A escola deve ser para a criança um segundo lar, em que o professor substitui os pais num dos aspectos da educação da juventude.

Pensemos que um lar não podia ser ilustrado como o reino da palmatória, descendente da célebre fêrula ⁽¹⁾, que se usava nalgumas escolas. Alguns afirmam que é uma necessidade na escola. Jesus certamente a dispensaria, e, como Seus discípulos, devemos usar o mesmo instrumento que Ele usou, na sua vida de pedagogo — o amor.

(1) Peça de cabedal que servia para castigar os alunos.

Através do mundo Adventista

Resultado do trabalho com revistas e folhetos

Numa igreja ouvi a observação de que as últimas revistas recebidas, havia algum tempo, estavam no armário, e que este mês não queriam ficar com nenhuma. Uma jovem irmã disse-me que muito desejava vender algumas, mas não tinha ânimo. Então, para sua animação, referi-lhe a minha experiência:

Era Sábado, o Sol sorria alegre no céu quando nossa juventude resolveu sair à tarde, de bicicleta, para distribuir revistas numa aldeia próxima. Eu tinha então 14 anos, e como não possuísse bicicleta, não pude acompanhá-los. Queria, porém, ir. Seria capaz de visitar, sozinho, pessoas desconhecidas? Até aí só tinha visitado conhecidos e comerciantes, que se sentiam na obrigação de me comprar uma revista. Um dia, depois de muita hesitação, peguei na minha pasta com 27 revistas e saí.

Primeiro percorri a cidade toda, examinei as casas exteriormente, sem me animar a entrar em nenhuma. De coração

pesado fui até ao fim da rua. Ali estavam as últimas casas. Andei para cima e para baixo muito tempo, até que afinal tive ânimo de entrar numa casa de vários andares. Subi até ao último andar e toquei a campainha de uma porta. Logo uma senhora de meia idade abriu a porta, muito gentil. Com palavras hesitantes ofereci-lhe a revista, que ela comprou sem objecção. Aliviado desci para o outro andar, animado a bater em todas as portas. Naturalmente, nem sempre me veio ao encontro uma senhora tão cortês como a primeira. Algumas vezes fui despedido de modo desagradável.

Trabalhada quase toda a rua e já com as revistas quase acabadas também, avistei por acaso a entrada para uma casa pobre, a qual eu não queria passar por alto. Subi a estreita e velha escada, e bati à porta, mas ninguém respondeu. Dei volta à maçaneta e, assustado, vi-me no interior de um quarto. Veio-me ao encontro um terrível cheiro a gás. Uma mulher pálida estava reclinada num sofá, e várias crianças, com roupa escassa, estavam sentadas no soalho. Aqui naturalmente não

me atreveria a oferecer minha última revista. Pedi desculpa, e perguntei o que é que se passava e qual o motivo daquele activo cheiro de gás. Com lágrimas, a mulher relatou-me a sua sorte. Não tinha mais nada que comer, e queria abandonar a vida, em companhia dos filhinhos. Imediatamente fechei a torneira do gás, abri as janelas, dei à mulher o lanche que trazia e prometi no dia seguinte trazer alguma roupa e alimento. Quando alguns irmãos da igreja souberam o caso, dispuseram-se logo a ajudar.

Foi para mim grande alegria ter tão boa experiência. Daí por diante sempre me alegrava quando chegava o maço de revistas para vender, pois por esse meio se nos oferece óptimo ensejo de entrar em contacto com pessoas que anelam pela Verdade e a Salvação. — *Sieglinde Kleinlein.*

Perseguição na Colômbia

Embora pouco se saiba sobre as perturbações religiosas que têm assolado a Colômbia, sabemos que dezenas de nossos irmãos tiveram que fugir para salvar a vida. Alguns encontraram abrigo entre índios pagãos. Uma carta recente da Divisão Inter-Americana dá o nome de nove membros da igreja de uma província, que perderam a vida. A sorte de cerca de cinquenta outros é desconhecida.

Um inimigo, cuja poderosa influência serviu de instrumento para suscitar a perseguição naquela zona, declarou publicamente que «não quer que permaneçam nem mesmo as cinzas dos adventistas ali».

Apesar da perseguição, porém, nosso povo permanece firme na fé. O número de baptismos em 1952 ultrapassou a casa dos 1.200, o que é mais do dobro do que em qualquer ano anterior. De certa região vem esta notícia:

«Prossegue sem desfalecimentos a perseguição, mas é emocionante ver o povo afluir às reuniões em números maiores do que nunca.»

Pedimos perseverantes e fervorosas orações em favor da nossa igreja na Colômbia. — *N. W. Dunn.*

Comentário Bíblico

A Conferência Geral decidiu elaborar um grande projecto para a publicação de um comentário completo das Escrituras, em sete volumes, destinando-se a pôr ao

alcance dos adventistas do Sétimo Dia um comentário de verso por verso de toda a Bíblia, de acordo com as nossas crenças. Trinta e cinco pregadores adventistas estão actualmente trabalhando na redacção dessa importante obra, que deve estar terminada em três anos.

Dois bilhões e quatrocentos milhões de almas

Numa população de 2.400.000 de habitantes em todo o mundo, os Adventistas do Sétimo Dia entraram ou estão levando avante a obra em países que representam uma população de 2.364.157, ou seja, 98,5 por cento da população do mundo. Restam apenas 33 países, com uma população de 35.568.843, ou seja, 1,5 por cento da população do mundo. «Foi o Senhor que fez isto, e é coisa maravilhosa aos nossos olhos.»

Compreendemos que nos países em que já entrámos há milhões, sim, centenas de milhões de pessoas que ainda não foram advertidas. Todavia, foi construído o travejamento, foram estabelecidas organizações, e em muitos casos os naturais de muitos países estão preparados e levam pesadas responsabilidades administrativas. Também temos a rádio, a televisão, as viagens de avião, e todas as vantagens das invenções modernas, que sentimos abaixo de Deus serem necessárias para a finalização da obra. Mas mais importante ainda para essa finalização da obra é a consagração de cada membro, a infusão do Espírito Santo, um incoercível desejo de fazer algo em favor dos nossos parentes, dos nossos amigos, dos nossos vizinhos. Se tão somente tivéssemos essa determinação, não careceríamos de nos preocupar muito para dobrar o número dos nossos membros. Não será tempo de lançarmos mão de todo este capital para a finalização da obra? — *H. W. Klaser*, Secretário de Estatística da Conferência Geral.

As Adventistas em Viena

«Temos agora em Viena (Áustria) 9 igrejas e 1.100 membros, mas apenas três pregadores consagrados, três estagiários e uma obreira bíblica. É infelizmente demasiado pouco. A tarefa é grande, mas as promessas do Senhor e as experiências do passado dão-nos coragem para o futuro.» — *L. Schneebauer.*

Segundo acampamento Nacional dos M. V.

Animados pelo bom resultado obtido no primeiro acampamento, realizado no Barreiro, a incansável direcção do Departamento da Juventude envidou os maiores esforços para tornar possível tão grande empreendimento, que teve como objectivo o desenvolvimento físico e moral da juventude e proporcionar maior convívio entre os jovens das diversas Congregações.

Foi escolhida a cidade de Tomar, atendendo à sua situação privilegiada do ponto de vista geográfico, histórico e artístico e ainda pelas suas belezas naturais.

Após a elaboração dum cuidado programa para o acampamento que se avizinhava, foi grande o entusiasmo manifestado pelos jovens, demonstrado através do elevado número de inscrições, o que constitue um recorde sobre o ano precedente. Assim, no dia 16 de Agosto, iniciou-se a deslocação dos vários grupos que partiram dos diferentes pontos do País com destino a Tomar.

Com a chegada dos nossos M. V., a cidade foi animada por um movimento desusado que atraíu sobre esta caravana as atenções gerais da população. Cerca de uma centena de jovens representando as igrejas de Norte a Sul do País e também representantes de Cabo Verde e S. Tomé, se acomodaram no local previamente designado, para passarem dez dias de aprazível contacto com a natureza e com Deus.

As 7 horas do dia 17, realizou-se a cerimónia inaugural do acampamento, que incluiu o solene hastear da bandeira, seguido da organização de grupos de prece que, espalhados por locais próximos, elevaram ao Senhor seus cânticos e orações.

Os componentes das diversas tendas, lançaram-se ao cumprimento das suas múltiplas atribuições e assim entrou em franca laboração a orgânica do acampamento. A revista às tendas cada manhã constituiu um pretexto que permitiu pôr à prova o talento, espírito decorativo e estético da maioria dos componentes. As reuniões sociais destacaram-se pelo vivo interesse despertado em todos os jovens, pelo seu tom alegre, pela beleza dos programas apresentados pelas diversas delegações e ainda pela leitura do humorístico diário do acampamento, sempre acolhido com ruidosas manifestações de alegria.

A alimentação estritamente vegetariana parece ter satisfeito com agrado o aguçado e geral apetite.

É de salientar a boa camaradagem e harmonia reinante que permitiu que a Imprensa local nos dedicasse uma feliz referência, à qual correspondemos com um agradecimento à Redacção.

Não esquecendo o valor educativo das Classes Progressivas, ocuparam estas uma posição de relevo no plano de estudos e ocupações compistas, o que facultou aos nossos jovens a possibilidade dum maior desenvolvimento dos seus dotes espirituais e de cultura, adicionando a estas actividades excursões aos monumentos e obras de arte da região.

Na tarde do último dia efectuaram-se os exames de aproveitamento das classes progressivas, presididos pelo Secretário dos M. V., irmão Fernando Mendes, tendo como vogais o Pastor F. Cordas e Evangelista M. Laranjeira e no qual 69 jovens prestaram as suas provas assim distribuídos: Amigos 29, Companheiros 24, Guias 13 e Líders 3. À noite, teve lugar o fogo do acampamento e a reunião de investiduras, sendo a entrega de diplomas e insígnias feita pelo Ex.^{mo} Sr. Amadeu Ideias, redactor do semanário «Cidade de Tomar» que gentilmente acedeu ao nosso convite. Foram entregues também nesta reunião 42 insígnias de estudo de árvores e 17 de natação.

Em seguimento a esta cerimónia, realizou-se uma pequena festa de encerramento com a colaboração de quase todos os jovens que, com o coração em chama, talvez por influência do fogo de acampamento, auxiliaram a fechar com chave de outro este belo acampamento. As delegações do Porto, Setúbal e Algarve foram bastante aplaudidas por mais de trezentas visitas que pelas suas palmas manifestavam o seu agrado por esta reunião recreativa.

As responsabilidades directivas foram distribuídas do seguinte modo:

Director — F. Mendes
Gerente — M. Laranjeira
Preceptor — F. Cordas
Preceptora — Lídia Mendes
Conselheiros — J. Abella, Emília

Laranjeira, Ermelinda Fernandes e M. Lobato.

Enfermeiros — Maria Amélia Campos e Samuel Brito

Redatores — F. Mendes, F. Cordas, J. Abella, M. Laranjeira, Américo Rui.

Encarregados da alimentação — Idalina Mendes, Emília Laranjeira, Lídia Mendes e Manuel da Costa.

Zelador — João Nobre

Bombeiro — Domingos Pastor

Tivemos a honra de ter connosco durante um dia o Pastor W. Bergherm, Secretário da Juventude ao serviço do Exército, da Conferência Geral. Foram muito apreciadas as projecções sobre a Coreia e bem assim o filme colorido sobre a África do Sul.

No sábado, dia 22, a Escola Sabatina teve lugar na Igreja da cidade, dirigida pelos irmãos J. Abella, F. Mendes e M. Laranjeira, passando este a lição em conjunto.

O culto solene esteve a cargo do Pastor F. Cordas, que sobre o tema «Fogo da Fé» fez um caloroso apelo à juventude não

baptizada, ao qual responderam 32 jovens. Outro apelo foi feito aos jovens e irmãos baptizados durante o corrente ano.

Atendendo ao convite feito, na tarde de sábado os membros da Igreja deslocaram-se ao local do acampamento, onde teve lugar uma interessante reunião da juventude. Ainda, por iniciativa da juventude, foi promovida uma reunião na cidade, na terça feira dia 25, que foi muito apreciada pela vasta assistência que esgotou a lotação da sala.

O acampamento teve lugar num aprazível local gentilmente cedido pelo seu proprietário Sr. Manuel Joaquim, a quem apresentamos os nossos agradecimentos.

Cumpre-nos referir aqui o voto de agradecimento à União, expresso por todos os nossos jovens, quanto às facilidades concedidas, sem as quais tal empreendimento seria impossível.

Reconhecendo a utilidade destes acampamentos culturais, apelamos para a União e Departamento dos M. V. para que outros se realizem em benefício dos nossos jovens.

Pela direcção do acampamento,

FERNANDO MENDES

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

JULHO DE 1953

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
Idalina Ferreira	120		2.595\$00	2.595\$00
António G. Duarte	80	1.575\$00	970\$00	2.545\$00
Júlia Costa	169		2.245\$00	2.255\$00
João J. Nobre	141	1.355\$00	585\$00	1.940\$00
Maria L. Saboga	100		1.915\$00	1.915\$00
Luísa Maria Abojim	160		1.860\$00	1.860\$00
Amílcar Godinho Lopes	104	1.270\$00	145\$00	1.415\$00
Ester A. Dias	83	405\$00	965\$00	1.370\$00
Parreira Lopes	101	990\$00	330\$00	1.320\$00
João António	128	972\$50	337\$50	1.310\$00
Domingos M. Pastor	68	1.175\$00		1.175\$00
Cipriano Moraes	110	1.103\$00		1.103\$00
Amselmo Gorgulho	38	1.018\$50		1.018\$50
Flora Saramago	75		904\$00	904\$00
Alberto Nunes	89	895\$00		895\$00
Júlia Sanches	95		740\$00	740\$00
José Sanches	80	665\$00		665\$00
	1.761	11.424\$00	13.591\$00	25.015\$00

O Secretário de Publicações

F. G. Mendes

NOTÍCIAS DO CAMPO

LUCÍLIA FERREIRA — No gozo de bem merecidas férias, encontra-se em Lisboa, desde 10 de Julho, a Ir. Lucília Ferreira, professora da Escola Adventista de S. Tomé. Desejamos-lhe um completo restabelecimento da sua abalada saúde e uma alegre estadia entre nós.

W. H. BERGHERM — Desde 19 a 24 de Agosto tivemos o privilégio de ver no nosso meio o Pastor W. H. Bergherm, capitão-capelão no Exército Norte Americano durante a segunda Guerra Mundial, e actual secretário da Comissão da Conferência Geral que se ocupa dos problemas relacionados com a assistência espiritual e moral aos nossos jovens em idade militar.

Nos dias 19 e 20 estive com os jovens que se encontravam no acampamento em Tomar, aos quais apresentou algumas mensagens, além de projecções e um belo filme sobre as missões na África do Sul. Estudou de um modo particular os problemas que se relacionam com os jovens em idade militar que estavam presentes.

O Sábado, 22, foi inteiramente passado com a Igreja de Lisboa, à qual dirigiu a palavra, de manhã e à tarde, tendo apresentado à noite o filme sonoro sobre as Missões, que havia levado a Tomar.

No Domingo, às 21 horas, perante numerosa assistência, que enchia a sala e as galerias, falou sobre o tema: «O que eu vi na Coreia», sendo as suas palavras seguidas de projecções alusivas a aquele país.

A Segunda-feira foi dedicada ao estudo, com as respectivas entidades oficiais, da solução para os problemas da vida militar dos nossos jovens.

W. J. HARRIS e **A. DIAS GOMES** — No dia 26 de Agosto, chegaram a Portugal estes nossos prezados irmãos, respectivamente secretário associado do Departamento da Escola Sabatina da Conferência Geral e secretário do mesmo Departamento da Divisão Sul-Europeia.

Apesar do cansaço da viagem, nesse mesmo dia à noite iniciaram uma Convenção da Escola Sabatina no Porto, com a comparência de numerosos irmãos interessados neste Departamento.

O Pastor Harris é um especialista no ensino da Escola Sabatina às crianças, circunstância que tornou os seus apelos e demonstrações de um interesse muito particular.

Infelizmente o tempo ungiu, e a Convenção só pôde efectuar-se até à tarde do dia seguinte.

Na Sexta-feira, dia 28, à noite, o mesmo Irmão falou na Igreja de Lisboa, sobre os interesses da Escola Sabatina, dando assim início à Convenção que nesta cidade se realizou.

Por ter de partir no dia seguinte de manhã, para a Inglaterra, a Convenção foi continuada, no Sábado e no Domingo, sob a direcção do Pastor A. Dias Gomes, que através de interessantíssimos estudos e demonstrações conseguiu entusiasmar os presentes a prestar mais atenção a este Departamento e em especial à secção infantil do mesmo.

MISSÃO DE CABO VERDE

Praia — Escreve-nos o Ir. Filipe Esperancinha, dando-nos a boa notícia de terem ficado

aprovados nos exames oficiais todos os alunos da nossa Escola da Praia, dirigida por sua Esposa, Ir. Rita Esperancinha. A escola teve este ano a frequência média de 24 alunos, dos quais seis passaram de classe, dois foram aprovados no exame do primeiro grau, e quatro no do segundo grau, tendo um aluno ficado distinto.

Este aluno, Aristides Barros, escreve-nos a seguinte carta:

«Ex.^{mo} Sr. Presidente da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia:

Seria para mim um grande privilégio ser-me concedido um cantinho do vosso jornal, para testemunhar a minha gratidão a todo o Movimento Adventista pelas bênçãos recebidas desta simpática comunidade.

Sou um desventurado rapaz que, como tantos outros, teve a infelicidade de nascer pobre. Sempre bafejado pelas rudezas da terra caboverdiana, tem sempre visto os seus alvos destruídos.

Era assim que, completando os meus 16 anos, não alcançava a minha instrução primária completa, coisa que eu tanto almejava.

Um dia encontrei uma escola! A escola do Movimento Adventista abriu as suas portas. Brevemente me senti atraído pelo carinho dispensado. Nunca esquecerei o esforço e boa vontade da nossa então professora D. Rita Esperancinha.

Ouvíamos sempre as suas orações por nós e por nossos pais.

Chegou então o dia do exame. Todos tremíamos porque alguns de nós tínhamos sido reprovados no ano anterior. Foi então que eu vi como é bom ser cristão! Nessa manhã reunímo-nos todos na capela. Ouvimos algumas palavras de ânimo, ajoelhámos depois e ouvimos pela nossa Professora uma oração. Isso nos confortou, e de tal maneira que todos obtivemos aprovação, alcançando eu uma distinção.

Alegre por ter alcançado aquilo que me parecia ser um sonho, não poderia passar sem que fizesse público o que vai dentro do meu coração. Meu fraco testemunho tem somente o fim de agradecer a todo o Movimento Adventista o trabalho das suas escolas, sempre aliado à boa vontade dos seus professores.

Não sei o que as agruras da vida caboverdiana me reservam no futuro, mas poderei estar certos de que haverá sempre dentro do meu coração uma voz que não se apagará e que gritará: Bem haja o Movimento Adventista.

Bem hajam as suas escolas! Bem hajam os seus professores!»

Brava — De uma carta escrita em 7 de Agosto pelo Ir. João de Mendonça, agora atarefado com a reconstrução do nosso edifício na Brava, respigamos as seguintes linhas:

«Os trabalhos ainda não estão terminados, porque estamos lutando com falta de transportes e materiais. Ainda aguardamos a chegada de um resto de madeira de ferro de S. Vicente.

A professora da nossa escola, Ir. Maria José Rosa, levou a exame sete alunos, todos eles tendo ficado aprovados e um, da quarta classe, distinto.»

Fogo — «...E esforçai-vos, todo o povo da terra, diz o Senhor, e trabalhai; porque eu sou

convosco, diz o Senhor dos exércitos». (Ag. 2:4). Sem fazer violência ao texto, podemos dizer que deste relato bíblico se depreende que o bom êxito na obra de evangelização depende da actuação do conjunto de todos os membros da Igreja, quando inteiramente consagrados e subordinados ao poder divino.

Foi neste espírito que «...os que andavam dispersos iam por toda a parte, anunciando a palavra». (Act. 8:4). É notável era, portanto, o resultado deste trabalho, visto que «...todos os dias acrescentava o Senhor à Igreja aqueles que se haviam de salvar». (Act. 2:47).

Louvamos a Deus por semelhante espírito se ter apoderado também da Igreja do Fogo, impulsionando-a a levar a cabo a mesma tarefa, razão por que a Obra continua em franco progresso entre nós. Assim, com os últimos cinco baptismos, realizados em 23 de Maio findo, o número de membros aumentou para 93.

Sim, estamos gratos a Deus e O louvamos pelo bom êxito obtido, sobretudo por nos ter permitido chegar ao fim do segundo trimestre com os seguintes bons resultados: — 12 baptis-mos, sendo o maior número constituído por alguns neo-conversos da Ribeira do Ilheu; por um invulgar casamento que causou boa impressão no espírito de muita gente, e, finalmente, pelo sucesso alcançado no trabalho da Campanha das Missões.

E com tudo em boa ordem e afinada marcha, não duvidamos que haja detrimento de espécie alguma, ou que a Obra seja afectada em algum ramo do nosso bem dirigido e orientado trabalho, porquanto é de louvar o zelo, o esforço e o bom espírito de colaboração tanto entre os membros leigos como também entre os oficiais da Igreja.

Foi o diligente espírito missionário, o estrênuo cuidado que tivemos em deixar tudo feito e em boa disposição que fez com que nós, Obreiros do Fogo, não pudéssemos chegar ainda a tempo de assistir às nossas Assembleias de cujo espírito gostaríamos também de partilhar; mas estamos certos de que o nosso prezado director Cordas, tendo assistido a todas essas reuniões, tão importantes, tão edificantes e incentivas, saberá a seu tempo compartilhar também connosco algo do seu valor espiritual.

E cá estamos, pois, em Lisboa, bem longe dos nossos queridos Irmãos do Fogo, mas cada vez mais perto em pensamento, unidade da fé e espírito de fraternidade cristã, orando sempre pelo bom êxito no trabalho e estreita colaboração entre os membros e oficiais dirigentes, encarregados da boa ordem da Igreja do Fogo.

Gregório da Silva Rosa

MISSÃO AÇORIANA

O Sr. J. J. Laranjeira, que tem a seu cargo o trabalho nas ilhas do Pico e Faial, esteve um mês na ilha das Flores, havendo-nos escrito em seguida uma interessantíssima carta, da qual extraímos as seguintes linhas:

«Encontrámos nossos irmãos de boa saúde e com muita alegria por mais uma vez lhes ser dado o privilégio de uma visita «pastoral», depois de terem por ela esperado «dois longos anos». Apesar do isolamento, encontrei muita fé, muito

ânimo e coragem em todos elles. Reunem-se cada Sábado de manhã para a Escola Sabatina dirigida pelo irmão Laureano Júnior, que desempenha essa função eficientemente. Aquelle grupo tinha 5 membros de baptizados e 11 na Escola Sabatina. Após nossa chegada iniciámos uma série de reuniões públicas, que se estendeu enquanto ali permanecemos, constatando logo na primeira reunião uma falta assistência, parte da qual tinha de ficar fora por lhe faltar o lugar dentro de casa. Apesar disso ninguém arredou pé e no máximo silêncio e respeito ouviram a Palavra de Deus. Terminada a reunião saí fora a saudar as pessoas que dali tinham assistido e manifestei pena por não termos uma casa maior para todos poderem entrar. Foi então que um dos assistentes levantou a sua voz e disse estas palavras que bem traduzem o seu entusiasmo e interesse: «Deus arranjará outra maior». Aquellas palavras acrescentaram nossa coragem para prosseguir nosso trabalho.

No último Sábado fizemos um culto de apelo e convite. Como resultado baptizámos nesse mesmo dia 3 preciosas almas: um casal, e uma jovem de 14 anos, meta do mesmo. Assim aquele grupo conta agora 8 membros. Devo ainda dizer que mais seis pessoas ficaram directamente interessadas. Há muitas «plantas» a germinarem, mas necessitam tratadas. Peçamos a Deus que se digne enviar um obreiro para aquele campo.

Há também muitos cordeirinhos que prometem. A propósito cito o testemunho de um que conta 12 anos e pertence a uma família católica: «Eu, quando me governar, hei-de guardar o Sábado e quero ser adventista». — «Como é que tu aprendeste isso?» — «Na Bíblia», respondeu ele, e acrescentou: «O Sábado é de Deus e o Domingo é dos homens.»

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA

ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Províncias Ultramarinas

Número avulso 1\$50

Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.

32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA